



A dilapidação do capital político independentista em Bangladesh

Monique Selim

Antropóloga e pesquisadora no CESSMA (Centro de Estudos em Ciências Sociais sobre os Mundos Africanos, Americanos e Asiáticos), afiliada à Universidade Paris Diderot.

Após um mês de manifestações estudantis violentamente reprimidas, que resultaram em centenas de mortos (estimados em 400), motivadas por uma lei que reservava 30% dos cargos de funcionários públicos para descendentes de combatentes independentistas (*mukti bahini*), a primeira-ministra de Bangladesh, Sheikh Hasina, foi forçada a fugir da capital Dhaka em 5 de agosto, escolhendo a Índia como primeiro refúgio. Este evento inesperado deve ser contextualizado na história deste país, que nasceu em 1971 após uma guerra tão mortífera que seus líderes independentistas reivindicaram ter superado o número de mortos do Holocausto, sem ter obtido o mínimo reconhecimento ocidental por seus mártires.

O confronto entre dois povos muçulmanos e duas mulheres políticas

Lembremos brevemente que os *mukti bahini* bengalis lutavam contra o Paquistão, ele próprio resultado da separação em 1947 da Índia proclamada pelo colonizador britânico, que considerou prudente agrupar os muçulmanos em um território único. Vinte anos depois, resultou o caso excepcional de uma luta entre dois povos muçulmanos, dos quais o mais poderoso - de língua urdu - é acusado de exploração e colonização pelos bengalis do sul. Sheikh Mujibur Rahman foi o líder dessa longa guerra de independência liderada pela Liga Awami e o primeiro presidente de um governo laico e socializante, que proibiu os partidos político-religiosos, que eram a norma no Paquistão. Em 1975, um golpe de Estado apoiado pelo Paquistão e pela Arábia Saudita - durante o qual Sheikh Mujibur Rahman foi assassinado junto com sua família - colocou no poder o general Zia Rahman, do Partido Nacionalista de Bangladesh (BNP), que reautorizou os partidos que se proclamavam do islamismo, suprimiu o termo "secularização" da Constituição e o substituiu por uma fórmula que consagrava Alá¹.

Sheikh Hasina é filha de Sheikh Mujibur Rahman e, nas cinco décadas que seguiram ao assassinato de seu pai em 1975 e ao assassinato do general Zia Rahman em 1981, o campo político de Bangladesh foi inteiramente dominado por um confronto que

¹ Selim Monique, « La réislamisation de la société bangladeshie », *Multitudes* 83 :156-162, 2021.

diverte e parece exótico aos jornalistas europeus, pois eleva ao auge duas mulheres nessas terras distantes, que se imaginam totalmente ocupadas pela dominação masculina: a filha do "pai da nação" *Bangabandhu*, sacralizado e objeto de um verdadeiro culto, capital político da Liga Awami, e a esposa de seu assassino, Khaleda Zia, que assumiu as rédeas do BNP e se tornaria primeira-ministra em 1991. Muito mais importante do que essa condução do Estado por duas mulheres que se enfrentam e alternam seus períodos governamentais - tirando sua legitimidade da ascendência genealógica, no caso de uma, e da aliança matrimonial, no caso da outra - é o papel crescente que o islamismo assumiu através dos partidos islâmicos, cobiçados pelas duas *begum* para prevalecer em cada eleição no jogo político e na sociedade.

Em 2024, Bangladesh é, desde a chegada ao poder do general Zia em 1975 e ainda mais do general Ershad em 1982, uma ditadura militar islâmica sob o pretexto de uma república democrática, e as prisões em massa de opositores² se tornaram incontáveis, facilitadas pela luta antiterrorista global, que serve de álibi. A derrubada das estátuas de Sheikh Mujibur Rahman, cuja antiga casa-museu foi incendiada, a invasão e o saque da residência de sua filha, a primeira-ministra, constituem uma extraordinária transgressão - amplamente difundida nas redes digitais - tão significativa quanto imprevisível. Esses atos marcam o esgotamento de um campo semântico que idealizou os heróis da independência e estruturou profundamente o espaço político desde 1971. Sheikh Hasina parece não ter compreendido que uma página havia sido virada e que, portanto, era impossível reservar cargos públicos para descendentes dos *mukti bahini*. Seu domínio do Estado por uma camarilha a seu serviço, suas alianças sistemáticas com o Jamaat Islami e outros partidos islâmicos, desrespeitavam regularmente a mensagem de seu pai, que clamava pela separação entre política e religião. A retirada da lei que levou os estudantes às ruas aparentemente não foi suficiente, e o insulto de *rasaka* lançado de última hora pela primeira-ministra aos manifestantes é, sem dúvida, a prova final de sua cegueira. Este

² Selim Monique. 2003, « Opération de nettoyage au Bangladesh : *clean heart* », entrevista realizada por Suzanne Chazan com Monique Selim, *Journal des anthropologues*, 92-93 : 285-290, 2003.

termo, que designa os colaboradores do Paquistão durante a guerra de independência, opõe-se ao de *mukti bahini*, os libertadores. Colaboração e libertação não só delimitaram o campo político desde 1971, mas também ordenaram os espaços microssociais³, louvando, privilegiando e estigmatizando gerações de atores que as cerimônias e julgamentos memoriais repetidos⁴ não conseguiram convencer.

O esgotamento da gramática política dual entre colaboração e libertação

A entrada de Bangladesh na globalização através da aquacultura e das exportações têxteis, as revoltas de sua força de trabalho feminina⁵, que ainda não obteve os aumentos salariais reivindicados (100 euros de salário médio em 2024 contra quase 200 euros estimados como necessários), a corrupção dos empresários aliados ao Estado, terminaram por dissolver uma gramática política ultrapassada, datada do século XX, que celebrava independências agora obsoletas e puras ilusões em um mundo de interdependência econômica e política definitiva.

O presidente - uma função protocolar - e o exército, que assumiu o poder neste mês de agosto de 2024, sem de fato jamais tê-lo deixado desde 1971, libertaram os estudantes presos, bem como a líder do BNP, que estava apodrecendo na prisão, ridiculamente condenada a 17 longos anos de detenção, embora já tenha 79 anos. Os estudantes pediram que Yunus, Prêmio Nobel da Paz, se tornasse primeiro-ministro. Ele foi nomeado oficialmente como conselheiro-chefe com uma rapidez extraordinária em 8 de agosto. Yunus é também o fundador do Grameen Bank e do microcrédito, e na época pós-independência, ele se comprometeu a ajudar as mulheres abandonadas por seus maridos (qualificadas como *destituídas*, pois não podiam retornar às casas de seus pais) a saírem da miséria. Além de sua audiência internacional, Yunus manteve uma grande

³ Selim Monique, *L'aventure d'une multinationale au Bangladesh, ethnologie d'une entreprise*, l'Harmattan, 1991, 254 p. 1991. Publicação em inglês: **The Experience of a Multinational Company in Bangladesh**, International Center for Bengal Studies, 1995, 168 p.

⁴ Heuzé G., Selim M. (eds) 1998 : *Politique et religion dans l'Asie du Sud contemporaine*, Karthala, 1998, 250 p.

⁵ Querrien Anne, Selim Monique, « Ouvrières au Bangladesh », *Multitudes* 55 :13-17, 2004.

reputação de dedicação às massas inumeráveis de pobres em Bangladesh, uma população de 170 milhões de habitantes. Em 9 de agosto, ele visitou o memorial de Savar para homenagear os heróis da Independência de 1971 - um gesto simbólico importante no atual contexto de crise - enquanto ao mesmo tempo saudava a queda de Sheikh Hasina como uma nova era de independência. O governo formado por Yunus é extremamente diversificado: inclui 16 membros, entre eles dois líderes estudantis, quatro mulheres atuantes na defesa dos direitos das mulheres, da democracia, do meio ambiente, do desenvolvimento, um ex-brigadeiro-general do exército, um professor de ciências islâmicas, um ex-comandante da guerra de libertação, um psiquiatra, juristas e advogados defensores dos direitos humanos.

A Promessa de uma Democracia em uma Sociedade Re-Islamizada?

Sairá dessa crise uma democratização relativa com a mobilização de uma juventude - cujos graduados estão amplamente desempregados - que rejeita os ideais da libertação laica de 1971 e adere majoritariamente às racionalidades islâmicas? Desde a *fatwa* que atingiu Salman Rushdie em 1989, a amplitude das manifestações rituais contra qualquer caricatura do profeta Maomé e, mais recentemente, contra a afirmação francesa da liberdade de expressão por ocasião do assassinato de Samuel Paty, é um indicador de uma sociedade profundamente re-islamizada desde os anos 80. Não é anedótico que, durante as últimas manifestações estudantis, minorias cristãs, budistas e hindus (12% da população majoritariamente muçulmana em 1971, estimada em 8% atualmente) tenham sido atacadas - templos e casas de personalidades foram alvo, forçando a fuga de muitas famílias hindus para a Índia - enquanto seu tratamento igualitário era uma regra na independência: o primeiro governo havia decretado feriados nacionais todas as festas religiosas muçulmanas, hindus e cristãs.

Essas manifestações e ataques foram amplamente divulgados e são objeto de interpretações contraditórias e manipuladoras, inclusive na França. As negações locais de que hindus foram alvo como tais alegam que os envolvidos eram membros afiliados à Liga

Awami de Sheikh Hasina. A influência do Paquistão nas mobilizações estudantis também é questionada. O exército, que agora assume abertamente o governo, já exibiu suas convicções islâmicas desde a proclamação do islamismo como religião de Estado em 1988, durante o governo do general Ershad. A luta dos estudantes bangladeshis (já em 2018) contra as medidas de discriminação positiva que Sheikh Hasina desejava implementar ecoa os movimentos das classes e castas médias e superiores da Índia vizinha, que há décadas reivindicam o abandono de qualquer tratamento privilegiado reparador de injustiças - em termos de educação, auxílio econômico e concursos de funcionários públicos, etc. - em favor das castas baixas e *adivasis*⁶, que o Partido do Congresso instaurou na independência.

A imprensa bangladeshí de língua inglesa parece estar na expectativa e, às vezes, alguns editoriais expressam melancolia diante do que é visto como mais um golpe de Estado, enquanto outros saúdam uma nova era de liberdade. Todos pedem eleições rápidas para consolidar a democracia prometida por Yunus e desejada por uma população conhecida por sua aptidão intempestiva para a contestação desde sua independência. Nesse período turbulento, onde os ataques a monumentos e pessoas de todos os lados continuam - reacendidos pelo aniversário da morte de Sheikh Mujibur Rahman em 15 de agosto - Yunus adiou por vários meses a realização de eleições.

⁶ Literalmente "aborígene", nome pelo qual se designam as populações indígenas da Índia, principalmente aquelas que vivem na parte central do país.